



A Santa Sé

CONCELEBRAÇÃO EUCARÍSTICA NO ENCERRAMENTO
DO CONSISTÓRIO EXTRAORDINÁRIO
DO COLÉGIO CARDINALÍCIO

HOMILIA DO PAPA JOÃO PAULO II

Solenidade da Ascensão do Senhor
Quinta-feira, 24 de Maio de 2001

Senhores Cardeais
Veneráveis Irmãos no Episcopado
Caríssimos Irmãos e Irmãs

1. Encontramo-nos reunidos à volta do altar do Senhor para celebrar a sua Ascensão ao Céu. Escutámos as suas palavras: "Ideis receber a força, a do Espírito Santo, que descerá sobre vós e sereis minhas testemunhas... até aos [extremos] confins do mundo" (*Act* 1, 8). Desde há dois mil anos estas palavras do Senhor ressuscitado impelem a Igreja a "fazer-se-ao largo" na história, tornando-a contemporânea de todas as gerações e transformando-a no fermento de todas as culturas do mundo.

Voltamos a ouvi-las no dia de hoje, para acolher com renovado fervor o mandato "*duc in altum!* Faz-te ao largo!" que um dia Jesus dirigiu a Pedro: trata-se de um imperativo que desejei fazer ressoar em toda a Igreja através da Carta Apostólica *Novo millennio ineunte* e que, à luz desta solenidade litúrgica, adquire um significado ainda mais profundo. O *altum*, rumo ao qual a Igreja deve caminhar, não é apenas *um compromisso missionário mais vigoroso*, mas antes ainda *um empenhamento contemplativo mais intenso*. Também nós somos convidados, como os Apóstolos, testemunhas da Ascensão, a fixar o olhar no rosto de Cristo, arrebatado no esplendor da glória divina.

Sem dúvida, contemplar o céu não significa esquecer-se da terra. Se se apresentasse esta

tentação, ser-nos-ia suficiente voltar a escutar os "dois homens revestidos de branco" da página evangélica do dia de hoje: "Por que motivo estais a olhar para o céu?". *A contemplação cristã não nos subtrai ao compromisso histórico*. O "céu" da Ascensão de Jesus não quer dizer distância, mas o ocultar e a vigilância de *uma presença que nunca nos abandona*, até que Ele venha na glória. Entretanto, chegou a hora exigente do testemunho para que, em nome de Cristo, "sejam anunciadas a todas as gentes a conversão e a remissão dos pecados" (cf. *Lc 24, 47*).

2. É precisamente para reavivar esta consciência, que desejei convocar o *Consistório extraordinário*, que hoje chega ao seu termo. Os Senhores Cardeais do mundo inteiro, que saúdo com afecto fraternal, reuniram-se nestes dias comigo, para enfrentar alguns dos temas mais relevantes da evangelização e do testemunho cristão no mundo contemporâneo, no início de um novo milénio. Para nós foi, antes de mais nada, um momento de comunhão em que *experimentámos um pouco daquela alegria* que inundou a alma dos Apóstolos, depois que o Ressuscitado, abençoando-os, se despediu deles para subir aos céus. Com efeito, Lucas diz que, "depois de O terem adorado, voltaram para Jerusalém com grande alegria. E estavam continuamente no Templo, a bendizer a Deus" (24, 52-53).

A natureza missionária da Igreja mergulha as suas raízes neste *ícone das origens*. Traz em si mesma os seus traços. Volta a propor o seu espírito. Propõe-no de novo, a começar pela *experiência da alegria*, que o Senhor Jesus prometeu a quantos O amam: "Digo-vos isto para que a minha alegria esteja em vós e o vosso gozo seja completo" (*Jo 15, 11*). Se a nossa fé no Senhor ressuscitado está viva, a alma não pode deixar de estar repleta de alegria, e a missão configura-se como um "transbordar" de alegria, que nos leva a transmitir a todos a "boa notícia" da salvação, com uma coragem livre de temores e de complexos, mesmo que seja à custa do sacrifício da nossa própria vida.

A natureza missionária da Igreja, que parte de Cristo, encontra apoio na colegialidade episcopal e é encorajada pelo Sucessor de Pedro, cujo ministério visa a promoção da comunhão na Igreja, garantindo a unidade de todos os fiéis em Cristo.

3. Foi precisamente esta experiência que fez de Paulo o "Apóstolo das Gentes", levando-o a percorrer uma boa parte do mundo então conhecido, sob o impulso de uma força interior, que o obrigava a falar de Cristo: "*Vae mihi est si non evangelizavero! Ai de mim, se não anunciar o Evangelho!*" (*1 Cor 9, 16*). Também eu quis, na recente *Peregrinação apostólica* na Grécia, Síria e Malta, colocar-me no seguimento dos seus passos, quase completando, desta forma, a minha Peregrinação jubilar. No seu trajecto experimentei a alegria de partilhar, com afectuosa admiração, alguns aspectos da vida dos nossos caríssimos irmãos católicos orientais e de ver abrirem-se novas perspectivas ecuménicas nas relações com os nossos não menos amados irmãos ortodoxos: com a ajuda de Deus, deram-se passos significativos rumo à almejada meta da plena comunhão.

Foi também significativo o encontro com os muçulmanos. Assim como na tão desejada peregrinação na Terra do Senhor, realizada durante o Grande Jubileu, tive a ocasião de salientar os especiais vínculos da nossa fé com a do povo hebraico, assim foi também muito intenso o momento de diálogo com os crentes do Islão. Efectivamente, o Concílio Vaticano II ensinou-nos que o anúncio de Cristo, único Salvador, não nos impede pelo contrário, sugere-nos pensamentos e gestos de paz em relação aos fiéis pertencentes a outras religiões (cf. *Nostra aetate*, 2).

4. *Sereis minhas testemunhas!* Estas palavras de Jesus aos Apóstolos, proferidas antes da Ascensão, determinam muito bem o sentido da evangelização de sempre, mas parecem actuais de maneira particular no nosso tempo. A época que vivemos é um tempo em que superabunda a palavra, multiplicada de maneira inverosímil pelos meios de comunicação social, que têm muito poder sobre a opinião pública, tanto no bem como no mal. Mas a comunicação de que temos necessidade é a palavra *rica de sabedoria e de santidade*. Por isso, na Carta *Novo millennio ineunte* escrevi que "o horizonte para o qual deve tender todo o caminho pastoral é a santidade" (n. 30), cultivada na escuta da Palavra de Deus, na oração e na vida eucarística, especialmente por ocasião da celebração semanal do "*Dies Domini*". A mensagem de Cristo só pode penetrar no nosso mundo graças ao testemunho de cristãos verdadeiramente comprometidos a viver o Evangelho de forma radical.

Hoje, a Igreja está a enfrentar *desafios enormes*, que põem à prova a confiança e o entusiasmo dos anunciadores. E não se trata apenas de problemas "quantitativos", devidos ao facto de que os cristãos representam uma minoria, enquanto o processo de secularização continua a debilitar a tradição cristã inclusivamente em países de antiga evangelização. Problemas ainda mais graves derivam de *uma transformação geral do horizonte cultural*, dominado pelo primado das ciências experimentais, inspiradas nos critérios da epistemologia científica. Mesmo quando se demonstra sensível à dimensão religiosa e até parece redescobri-la, o mundo moderno aceita no máximo a imagem de Deus criador, enquanto acha difícil aceitar como aconteceu com os ouvintes de Paulo, no areópago de Atenas (cf. *Act 17*, 32-34) o "*scandalum crucis*" (cf. *1 Cor 23*), o "escândalo" de um Deus que, por amor, entra na nossa história e se faz homem, morrendo e ressuscitando por nós. É fácil intuir o desafio que isto comporta para as escolas e as Universidades católicas, assim como para os centros de formação filosófica e teológica dos candidatos ao sacerdócio, pois todos eles constituem lugares em que é necessário oferecer uma preparação cultural que esteja à altura do momento cultural contemporâneo.

Ulteriores problemas derivam do *fenómeno da globalização* que, se por um lado oferece a vantagem de aproximar os povos e as culturas, tornando mais acessíveis a cada um inúmeras mensagens, por outro não facilita todavia o discernimento e uma síntese amadurecida, favorecendo ao contrário uma atitude relativista que torna mais difícil aceitar Cristo como "caminho, verdade e vida" (*Jo 14*, 6) para cada homem.

E que dizer, então, daquilo que vai surgindo *no âmbito das interrogações morais*? Mais do que

nunca, sobretudo a nível dos grandes temas da bioética, mas também nas teses da justiça social, da instituição familiar e da vida conjugal, a humanidade é interpelada por problemas tão formidáveis, que colocam em questão o seu próprio destino.

O Consistório reflectiu amplamente sobre alguns destes problemas, desenvolvendo análises aprofundadas e propondo soluções ponderadas. Várias questões serão retomadas no próximo Sínodo dos Bispos, que se demonstrou como válido e eficaz instrumento da colegialidade episcopal ao serviço das Igrejas particulares. Veneráveis Irmãos Cardeais, estou-vos grato pelas preciosas contribuições que agora ofereceis: delas desejo tirar *oportunas indicações de acção*, a fim de que a acção pastoral e evangelizadora de toda a Igreja cresça na tensão missionária, com plena consciência dos desafios contemporâneos.

5. Hoje, o mistério da Ascensão abre-nos de par em par *o horizonte ideal* em que este compromisso deve realizar-se. Trata-se, em primeiro lugar, do horizonte da vitória de *Cristo* sobre a morte e o pecado. Ele sobe ao céu como Rei de amor e de paz, fonte de salvação para toda a humanidade. Sobe para "se apresentar agora diante de Deus por nós", como escutámos da Carta aos Hebreus (9, 24). O convite que nos provém da palavra de Deus é uma exortação à confiança: "O que fez a promessa é fiel" (*Hb* 10, 23).

Além disso, recebemos a força do *Espírito*, que Cristo derramou de maneira ilimitada. O Espírito é o segredo da Igreja de hoje, como o foi para a Igreja dos primórdios. Seríamos condenados à falência, se não continuasse a ser eficaz em nós a promessa que Jesus fez aos primeiros Apóstolos: "Eu vou mandar sobre vós Aquele que meu *Pai* prometeu. Entretanto, permaneci na cidade, até serdes revestidos com a força lá do Alto" (*Lc* 24, 49). O Espírito, Cristo, o Pai: toda a Trindade está comprometida connosco!

Sim, meus queridos Irmãos e Irmãs! Não percorreremos sozinhos o caminho que nos espera. Acompanham-nos os sacerdotes, os religiosos, os leigos, jovens e adultos, seriamente comprometidos para dar à Igreja, em conformidade com o exemplo de Jesus, um rosto de pobreza e de misericórdia especialmente aos necessitados e marginalizados, um rosto que resplandeça pelo testemunho da comunhão na verdade e no amor. Não estaremos sozinhos, sobretudo porque connosco estará a Santíssima Trindade. Os compromissos que confiei como mandato a toda a Igreja na Carta *Novo millennio ineunte*, os problemas sobre os quais o Consistório reflectiu, não os enfrentaremos com forças unicamente humanas, mas com o poder que vem "lá do Alto". Esta é a certeza que encontra alimento contínuo na contemplação de Cristo, que subiu ao céu. Contemplando-O, acolhemos de bom grado a admoestação da Carta aos Hebreus, a conservarmo-nos "firmemente apegados à nossa esperança, porque O que fez a promessa é fiel" (10, 23).

O nosso compromisso renovado faz-se um cântico de louvor, enquanto com as palavras do Salmo indicamos para todos os povos do mundo Cristo que ressuscitou e subiu ao céu: "Povos

todos, batei palmas, aclamai ao Senhor com vozes de alegria... Ele é o rei da terra inteira" (Sl/ 46[47], 2.8).

Assim, com renovada confiança, " façamo-nos ao largo" em seu Nome!

© Copyright 2001- Libreria Editrice Vaticana

Copyright © Dicastero per la Comunicazione - Libreria Editrice Vaticana